

Cabral, Pedro Álvares - Ficou na História como o descobridor do Brasil, embora este feito tenha passado despercebido na altura e surgido quase por acaso, face a desígnios mais importantes, no seguimento da chegada de Vasco da Gama à Índia, em 1498.

Nasceu em Belmonte, distrito de Castelo Branco (1467/68), filho de Fernão Cabral, alcaide-mor daquela vila acastelada e regedor da Beira e Ribacoa, e de D. Isabel de Gouveia.

Com desasseis ou desassete anos já fazia parte dos fidalgos da Casa Real, com D. João II, que lhe concedeu uma tença ou moradia de mil réis mensais. Completou a sua educação na Corte e casou com uma sobrinha do famoso Afonso de Albuquerque, futuro vice-rei e arquitecto do Estado Português da Índia.

Sabe-se que no ano de 1500 já recebia 40 mil réis por ano, por ser Cavaleiro da Ordem de Cristo. Pensa-se que terá falecido em Santarém por volta do ano de 1520.

D. Manuel I escolheu Cabral para o comando duma armada composta por treze navios e mais de 1500 homens. Participam da aventura, como capitães e companheiros de Pedro Álvares Cabral, Luis Pires, Gaspar Lemos, Pero de Ataíde, Diogo Dias, Vasco de Ataíde, Nicolau Coelho, Nuno Leitão, Aires Gomes da Silva, Simão de Miranda, Bartolomeu Dias, Simão de Pina e Sancho de Tovar.

Da vida de Cabral pouco se conhece, para além do que a História registou como seu feito de maior grandeza – a descoberta do Brasil. Não devem restar dúvidas, porém, de que se tratava de pessoa de méritos sobejamente reconhecidos na arte da guerra, no reinado de D. Manuel, como o tinha sido na Corte de D. João II, não fosse ele Cavaleiro da Ordem de Cristo, o que supõe façanhas no campo de batalha, possivelmente no norte de África.

Igualmente devia ser notória a sua capacidade de liderança, e experiência como navegador, bem como conhecimentos matemáticos e de orientação astronómica. A atestá-lo o facto de ser nomeado para esta missão de alto risco com pouco mais de trinta anos, levando na sua companhia alguns dos melhores pilotos e capitães daquela época, do que se falará a seguir.

Oficialmente, a viagem tinha um carácter militar e destinava-se a estabelecer as bases do domínio do oceano Índico por parte de Portugal, face ao poder estabelecido pelos mercadores persas, muçulmanos e indianos e, em particular, o Samorim de Calecute.

De facto, o Samorim, Senhor todo-poderoso daquelas paragens, acabara por afrontar o Rei de Portugal, com o mau acolhimento que tinha reservado ao pioneiro Vasco da Gama, que tinha aberto o caminho marítimo para a Índia dois anos antes, recusando, inclusive, as pacíficas propostas de comércio e amizade de D. Manuel.

Alguns dos capitães sob as ordens de Pedro Álvares Cabral já se tinham notabilizado nestas rotas, casos de Bartolomeu Dias, que ultrapassou o até então, pavoroso Cabo das Tormentas, em 1488, depois chamado Cabo da Boa Esperança, ou Nicolau Coelho, experiente conhecedor da navegação astronómica, companheiro de Vasco da Gama e comandante da Bérrio, na famosa viagem de 1498. O não menos famoso Pêro Escobar era um dos pilotos (já o tinha sido na Bérrio).

Partem de Lisboa a 8 ou 9 de Março de 1500, atingem as Canárias a 14 de Março, e a 22 de Março, Cabo Verde.

Um dos navios, o de Vasco de Ataíde, desaparece sem deixar rasto, presume-se que por naufrágio. Outro dos navios, capitaneado por Luís Pires, dá meia-volta, e regressa a Portugal. Os restantes rumam para sudoeste, iniciando a *grande volta* que os deverá levar a um ponto da costa africana algures a norte do Cabo, embrenhando-se sem receio no oceano profundo, de modo a aproveitar as correntes e os ventos dominantes, fazendo-se valer dos muito recentes conhecimentos de navegação astronómica, tal como fizera Vasco da Gama e Nicolau Coelho.

Mas, a 21 de Abril encontram à superfície das águas vestígios da proximidade de terra firme e, a 22 avistam a costa e lançam âncora ao largo. Ao outro dia, 23 de Abril, Nicolau Coelho mete-se numa chalupa com alguns homens, e atreve-se a desembarcar. Decidem, porém, rumar a norte à procura de melhor porto, o que encontram a poucas léguas dali, num sítio a que chamam Porto Seguro, perto da baía Cabrália, a 16°17 de latitude sul, onde permanecem alguns dias. Avistam um monte que baptizam de Monte Pascoal, pois era tempo de Páscoa e à terra chamam de Vera Cruz, mais tarde Santa Cruz e depois Brasil, por causa da grande quantidade de pau-brasil que aí se encontrava, madeira semi-preciosa, da qual se extraía uma tinta avermelhada muito utilizada em tinturaria de tecidos finos.

Depois de procederem a reparações e abastecimentos, resolvem partir a 2 de Maio, deixando Gaspar Lemos a companhia da esquadra de Cabral directo a Lisboa, para levar a boa nova ao rei, e uma carta (ver) do escrivão Pêro Vaz de Caminha datada de 1 de Maio onde este descreve em traços bem vivos os sentimentos que lhe despertaram a descoberta daquela terra, e das suas populações.

Pedro Álvares Cabral, com a esquadra agora reduzida a dez unidades, larga do Brasil a 2 de Maio de 1500, rumo à Índia, onde chega em Agosto de 1500.

Nem todos lá chegaram, no entanto, pois na passagem do Cabo, perante medonho temporal, naufragaram quatro dos dez navios que restavam, aí morrendo Bartolomeu Dias, enquanto seu irmão, Diogo Dias, tresmalhado do resto da esquadra segue o seu caminho sôzinho, perdido no Índico (vai até ao golfo de Adém e cabo Guardafui, e reconhece a costa da ilha de Madagascar; acabando por reencontrar Cabral no Cabo, quando este já está de regresso a Portugal).

Aportam a Sofala, na costa leste de África, no dia 16 de Julho de 1500, mais parecendo um bando de naufragos sem eira nem beira, tal o estado lastimoso em que se encontram homens e equipamentos.

Continuando viagem, pararam na ilha de Moçambique para reabastecimento seguindo depois para Quíloa, importante cidade mais a norte, na costa da actual Tanzânia, onde chegaram em 26 de Julho (esta cidade era, na época, reconhecidamente, um centro de comércio florescente, dominado pelos mercadores muçulmanos como, de resto, quase toda a costa oriental de África).

Continuando, chegaram a Melinde, onde foram bem recebidos, como o tinha sido Vasco da Gama, apesar dos credos diferentes; procederam a novo reabastecimento e continuaram em direcção a Calecute, onde reinava novo soberano, que os acolheu amigavelmente.

Da poderosa esquadra de treze navios e mais de 1500 homens que o rei D.Manuel enviou para submeter os soberanos indianos, em particular o de Calecut, e dominar as rotas comerciais do oceano Índico, só cinco navios alcançam a costa indiana, em Agosto de 1500.

Face ao clima de amizade que se estabeleceu, Cabral foi tentado a adquirir uma casa onde pretendia estabelecer a feitoria portuguesa, de forma a apoiar o desenvolvimento dos negócios. Assim fez, ao mesmo tempo que presenteava o samorim de ricos adornos, tecidos, pratas e luxuosos arreios trazidos de Portugal.

Quando se preparavam para o regresso, vieram a saber que cerca de cinquenta portugueses pertencentes à guarnição da feitoria tinham sido chacinados ou feitos prisioneiros pelos mouros, escapando cerca de vinte, a maior parte bastante maltratados.

À vista do sucedido, e perante a ausência de pedido de desculpas por parte do Samorim, Cabral apoderou-se dos navios mouros que se encontravam no porto, tendo mandado executar as guarnições e bombardeado a cidade, causando bastantes mortos.

De seguida, os portugueses abandonaram a cidade e seguiram para Cochim, onde estabeleceram uma feitoria, acabando por carregar as naus de pimenta. Porém, como foram convidados a visitar Couão e Cananor, ali adquiriram quantidade de canela e lançaram as bases para mais uma feitoria. Antes de dar início ao regresso.

Finalmente, em Julho de 1501, o que restava da poderosa armada, aportava a Lisboa, mais de um ano e quatro meses depois da partida, ignorando-se quantos homens tenham sobrevivido.

Dos treze navios que iniciaram a viagem, e para além da nau de Gaspar Lemos, que trouxe a boa nova do “achamento” do Brasil (como assim se chamou), e da “desistência” de Luis Pires à chegada a Cabo Verde, apenas as naus capitaneadas por Pedro Álvares Cabral, Nicolau Coelho, Nuno Leitão e Diogo Dias regressaram à base. Quatro apenas. Os navios de Sancho de Tovar e Pero de Ataíde naufragaram na volta embora, ao que parece, se tenham salvo os tripulantes.

A partir daqui pouco mais se sabe sobre a vida de Pedro Álvares Cabral.

Sem dúvida, face às altas expectativas que se geraram, no seguimento da euforia que Vasco da Gama tinha provocado, e face aos elevados meios reunidos, em homens e material, com o objectivo de estabelecer o domínio de Portugal no Índico, perante resultado tão exíguo, torna-se quase evidente que a empresa terá sido avaliada como um perfeito desastre, na época.

Ao que parece, o nosso soberano D.Manuel I assim pensou e, que se saiba, não voltou a recorrer aos serviços do grande navegador que foi Cabral, apesar do grande Vice-Rei Afonso de Albuquerque lho ter pedido expressamente, em carta.

Mas tudo concorreu para que a missão não corresse como estava delineado, para além da extrema dificuldade à partida para uma empresa com aquelas características, desde a instabilidade dos elementos e do mar alteroso, o que é de facto imprevisível numa tão longa viagem, à animosidade e intrigas dos mercadores muçulmanos, que viam a sua posição ameaçada, passando pelo perigo que representava o provável excesso de carga de algumas naus, no regresso ao reino. Mas o que regista a História é que Cabral descobriu o Brasil, essa é e será sempre a sua coroa de glória.